

GANDA: UM RINOCERONTE EM REDE

António Pedro Marques

Regressada da Índia, na primavera de 1515, a nau *Nossa Senhora da Ajuda*, integrada na frota de Cristóvão de Brito, atracou na praia de Belém, em Lisboa, com uma “allimaria mansa, baixa, de corpo hum pouco comprido; os coiros, pés e mãos d’alifante; a cabeça como de porco, comprida; os olhos junto do focinho; e sobre as ventas tinha um corno, grosso e curto, delgado na ponta. Comia erva, palha e arrôcosido”. Oferecido pelo Rei de Cambaia, Modofar II, ao Vice-Rei da Índia, Afonso de Albuquerque, chegava a Portugal um extraordinário contributo para enriquecer a colecção de animais exóticos que D. Manuel I cultivava no Paço da Ribeira e noutras dependências reais: um rinoceronte asiático.

Reconhecido, desde logo, como espécime inédito, o rinoceronte, em hindu *ganda*, não permaneceu durante muito tempo no espólio real, que contava com elefantes, gazelas, antílopes, leões, entre outros exemplares de espécies exóticas. Depois da tentativa fracassada de participar num combate com um elefante, que fugiu apavorado perante o porte ameaçador do adversário, o rei D. Manuel resolveu incorporá-lo numa faustosa embaixada enviada ao Papa Leão X, em Dezembro de 1515, para obter da Santa Sé o reconhecimento do direito exclusivo sobre os territórios do Oriente.

Os desígnios do Rei não se concretizaram, devido ao naufrágio, perto da costa italiana, do navio de

João de Pina, responsável pela delegação diplomática. Ganda, acorrentado ao convés, não sobreviveu ao infortúnio, mas o corpo foi recuperado e enviado para Portugal, para ser empalhado e transportado de novo para o Vaticano, onde chegou em Fevereiro de 1516. Sem o sucesso da missão chefiada por Tristão da Cunha, em 1514, que deslumbrou Leão X com um hábil elefante branco, a odisseia do paquiderme parecia ter terminado.

Porém, o rinoceronte de D. Manuel adquiriu uma assinalável notoriedade como motivo original de um dos mais relevantes desenhos de Albrecht Dürer. Influenciado pela notícia da chegada do animal a Lisboa e dispondo de um apontamento iconográfico com uma breve nota descritiva, que um correspondente português lhe fez chegar por carta, Dürer executou uma xilogravura, a partir do desenho inicial, que resultou numa espécie de representação canónica do rinoceronte indiano.

A legenda do desenho preparatório, realizado por Dürer, em 1515, é a mesma que figura na xilogravura, com excepção da data da chegada de Ganda a Lisboa, que está errada, tendo sido posteriormente corrigida: “Em Maio do ano de 1513, depois do nascimento de Cristo, trouxeram ao poderosíssimo Rei de Portugal, Manuel, em Lisboa, vindo da Índia um animal vivo chamado rinoceronte. Aqui se encontra desenhada toda a sua figura. Tem a cor de uma tartaruga salpicada, é enormemente massiço e coberto de escamas.”

A legenda assinala, de seguida, as diferenças entre dois rivais: “É do tamanho de um elefante, mas mais baixo, e muitíssimo capaz de se defender. Na parte anterior do focinho tem um corno aguçado e forte, que afia logo que se encontre ao pé de pedras. O brutalhado animal é inimigo mortal do elefante, que lhe tem um medo tremendo. Quando se aproxima corre o animal metendo a cabeça entre as patas dianteiras do elefante, do que se não pode defender, por o animal estar tão bem armado que o elefante nada pode fazer; rasga e abre-lhe a barriga, dando cabo dele. Dizem também que o rinoceronte é lesto, alegre e manhoso”.

As características físicas delineadas por Dürer não existem num rinoceronte verdadeiro. Na xilogravura de Dürer, o rinoceronte parece estar revestido com placas de armadura, ostenta um pequeno corno no dorso e os membros estão cobertos de escamas. Fugindo à natureza e à verdade científica, a interpretação de Dürer consegue, no entanto, ser mais persuasiva do que o registo de Hans Burgkmair, executado na mesma data, com mais realismo e menos exuberância.

Na Torre de Belém, na base da guarita poente mais próxima da linha de água, sobressai a cabeça esculpida de um rinoceronte, considerada a primeira obra no género, em toda a Europa. Mas foi a figura de Dürer, publicada, em

1551, no primeiro volume da *Historiae Animalium*, de Konrad Gesner, que teve repercussão, nos séculos seguintes, no modo como os ilustradores formularam o registo do rinoceronte asiático.

Se, por um lado, a gravura de Dürer introduz no imaginário europeu um dos mais importantes espécimes da fauna indiana e um testemunho material da chegada dos portugueses à Índia, por outro lado, não estabelece uma clara rotura com a tradição medieval dos bestiários, com base na iconografia ficcional pagã e cristã.

Resquício da representação medieval do unicórnio, que de resto figura na obra de Konrad Gesner, Dürer não foge ao mundo físico, quando recorre à analogia da “armadura” que envolve o corpo do rinoceronte, mas incorre numa espécie de simbologia poética, quando insere um pequeno chifre enroscado, no dorso do animal. Trata-se, no entanto, de um pormenor que não prejudica o sentido da nova linguagem iconográfica que privilegia a imagem do desconhecido longínquo e reduz o peso da ficção histórica.

Nesta perspectiva, o Rinoceronte de Dürer expressa uma atitude inovadora perante o conhecimento de factos que relevam das viagens marítimas, alargando as margens do rio Ganges à *Rua dos Douradores* e às comunidades de mercadores e artistas do norte da Europa. Dürer refere, a este propósito, a relação cordial estabelecida com os feitores portugueses, em que se destaca o caso de João Brandão, cuja criada negra retratou.

Ganda é a imagem do sistema de acção e pensamento multicivilizacional que “transformou a face do mundo”, evocando mais uma vez, o poeta do *desassossego*. Se Portugal foi ou não pioneiro da globalização, é uma dúvida que fica por responder. Mais relevante é a matriz portuguesa da Expansão pautada pela mudança na forma de pensar e de agir, que Francisco Sanches tão bem formulou: *quod nihil scitur*, que nada se sabe.